

CONHECIMENTOS ÚTEIS.

A ESCOLA POLYTECHNICA.

84 A 22 d'abril de 1843 uma catastrophe geralmente sentida, privou Lisboa de um bello edificio de duzentos annos de existencia, e o paiz de um estabelecimento concentrica e devidamente organizado — o mais respeitavel de Portugal depois da universidade de Coimbra. Ja se lera adivinhado que quero fallar do incendio do edificio conhecido pelo nome de 'Collegio-dos-nobres' e onde se creara a Escola-polytechnica.

O zelo n'essa occasião desinvoltado por todo o corpo cathedratico d'aquelle importante estabelecimento; por muitas pessoas de elevada categoria, sem exceptuar a mais suprema d'ellas, segundo então se disse; a discussão da imprensa periodica e da tribuna parlamentar: tudo concorria para nos cimentar a grata esperanza de que a Escola-polytechnica surgiria ainda mais brilhante das suas ruinas, e que os numerosos mancebos que a frequentam achariam n'um centro commum a educação scientifica e esperançosa como até alli, e de que ja se iam colhendo os melhores resultados. Debalde porém se tem esperado até hoje a satisfação d'estes desejos: parece que todo o zelo de então se apagou ou arrefeceu depressa; pensou-se talvez que a disseminação das escolas por outros estabelecimentos, a que são incommodas e onde não estão como deviam, não seria prejudicial á organização de um estabelecimento cuja unidade de idéas é o primeiro elemento da sua constituição, e consequentemente a centralização dos meios da execução do seu pensamento a indispensavel garantia dos bons resultados.

Protestámos que escrevemos inteiramente extranhos a tudo quanto a este respeito se tem passado — se com effeito alguma coisa se tem passado; e que ignorámos tudo quanto possa haver sobre este objecto além dos factos públicos e de todos conhecidos.

Depois d'esta declaração que nos pareceu necessaria, e porque emfim não temos obrigação nem meios de saber o que particularmente se tracta — se porventura alguma coisa ha tractada: pensámos que, sem infligir censura a ninguem porque recordámos apenas o que todos teem visto, pensámos que se deve lamentar, seja qual for a causa, não se haverem realizado as esperanças, tão justamente concebidas, de ver restaurado um bello edificio, e competentemente reabilitado um estabelecimento indispensavel. N'estas circumstancias lembra-nos de que a 'Companhia das Obras publicas,' que ja se sabe haver tomado a seu cargo outras edificações semelhantes seria competantissimo meio de levar ao cabo a reconstrução da Escola-polytechnica — e desde ja.

Quando se tracta de melhoramentos, todos necessarios, todos indispensaveis, custa-me dar a preferencia a qualquer d'elles; todavia, parece-me que mesmo sem essa preferencia a Companhia das Obras publicas está sufficientemente habilitada a emprender a reconstrução de que tracto conjunctamente com as demais obras que, como se sabe, deverá começar a com brevidade.

Não vemos embaracos para a execução d'este projecto, nem mesmo podemos atinar porque d'elle se não

tenha ja tractado, visto que a idéa é obvia e simples.

Emquanto á necessidade d'esta reedificação estou certo de que não carece ser demonstrada, mas, se o carecesse, pelos artigos 1762, 1827, 1886, 1910, 1975 do 2.º v. d'este jornal se poderia bem reconhecer a importancia d'ella.

NOVO PROCESSO PARA CONSERVAÇÃO DAS MADEIRAS.

85 Os jornaes hollandezes de 16 do passado contem a circumstanciada noticia de uma experiencia, feita em grande escala, sobre o processo inventado para conservação das madeiras, e ja privilegiado em Inglaterra, França e Belgica. Este processo consiste em metter a madeira em grande cylindros, e depois de lhes haver extrahido o ar inchel-os com uma mistura de cal e ferro, que se amalgamam e poem a madeira á prova de podridão e caruncho, e tão duradoura como o ferro. A experiencia sabio tão bem que o governo hollandez vai adoptar a madeira assim preparada na construção de todos os seus navios e trabalhos publicos.

MODO DE PRATEAR PELA ELECTRICIDADE.

86 Toma-se uma oitava de prata da melhor qualidade (a de galões queimada mas limpa poderá servir); e sendo de chapa se deve bater em laminas delgadas que se lançam n'uma capsula, ou mesmo tigella de porcelana, a que se ajunta acido nitrico sufficiente para a cubrir e dissolver. applica-se-lhe uma grizeta, servida a espirito de vinho, para fazer evaporar o acido e mesmo favorecer mais a dissolução, até ficar reduzida a uma massa secca, cinzenta ou côr de cana. Retira-se a grizeta, e se lhe ajuntam 10 oitavas ou 12 de prussiato de potassa, e 10 onças d'agua destilada. applica-se de novo a grizeta, e vai-se mexendo com um bocado de vidro, por tempo de 5 minutos, ou até que o prussiato esteja bem dissolvido, e tenha apparecido uma côr de flôr d'alecrim ou cinzento. Retira-se então a grizeta, deixa-se esfriar e filtra-se por papel pardo para nos servirmos do liquido que passou pelo filtro, e que se arrecadará em frasco ou garrafa de vidro, rolhado.

Em um alguidar grande de barro põe-se um vaso de zinco, com seu conductor de arame. Enche-se d'agua da fonte o alguidar, e ajuntam-se-lhe umas poucas de gotas d'acido sulphurico (oleo de vitriolo) por exemplo, 5 ou 6, para cada canada de agua, de modo que provando-se na lingua se conheça estar levemente acidulada. Em volta da peça de zinco se põe uma especie de trempo de pau ou ferro para poder sustentar um vaso qualquer, dentro do qual se lança a dissolução da prata. Este vaso deve ser aberto na parte inferior, e em volta do gargallo se ata com uma gaita um bocado de bexiga de boi ou de porco, ou mesmo de pergaminho (que muitas vezes é preferivel se as peças que se teem a pratar são pesadas ou podem romper a bexiga). D'esta maneira ficarão os dois liquidos separados pela membrana animal mas communicando o fluido electrico. A peça de cobre, latão, ou bronze, que se quizer pratar, dependura-se no arame de cobre, conductor da electricidade que se desinvolve no zinco visto estar em contacto com a agua acidulada, e se mergulha toda a peça na dissolução da prata. Em poucos momentos ficará coberta d'uma capinha de

prata que augmentará mais em espessura quanto maior espaço de tempo estiver na dissolução. Tira-se para fóra, mergulha-se em bastante agua, e esfrega-se com cremor-tartaro, depois com escova macia, e mergulha-se de novo na dissolução da prata deixando-se estar de cada vez 2, 3, 4 e 5 minutos segundo parecer necessario.

Convem que as peças que se querem pratar sejam limpas o mais perfeitamente possível: alguns outros esclarecimentos mais poderei dar quanto ao ferro, estanho etc. que exige outro processo. Convem ter cautella com o prussiato de potassa que é um veneno. (Communicado.)

LEME DE REPOH.

87. Todos sabem que a perda do leme é uma catastrophe para um navio; para obviar a este perigo o ministerio da marinha em França tinha feito todos os esforços para que alguém imaginasse um leme de repór que funcionasse immediatamente á perda do leme ordinario, ou de qualquer avaria que embaraçasse o seu movimento. Até agora nenhuma das idéas propostas tinha satisfeito cabalmente o que se pretendia, ou por muito complicadas ou por muito morosas na execução; mas assegura-se que um empregado da marinha-real inventou agora um leme de repor que preenche completamente o seu fim: assim foi julgado pelo supremo conselho da marinha, que o manda experimentar n'uma corveta de guerra. Teremos cuidado de informar da mais que soubermos d'esta importante descoberta.

INDUSTRIA PORTUGUEZA.

88. Chamámos a attenção do governo de Sua Magestade, de todos os industriaes e portuguezes zelosos pela prosperidade do seu paiz, sobre o artigo que transcrevemos do 'Periodico dos Pobres no Porto' n.º 480, e particularmente sobre a parte que pomos em gripho. O espaço hoje não nos dá logar a reflexões proprias, mas o assumpto, de per si so, bem alto clama. O artigo é o seguinte:

« O Sr. Tinelli. — Este avalheiro, consul dos Estados-Unidos no Porto, era um estrangeiro que tinha feito a favor do paiz mais do que a maior parte dos nossos compatriotas: havia-se dedicado com paixão a fomentar entre nós a industria da creação do bicho da seda; para isso arrendou a cerca da Serra em frente da cidade, e n'ella vegetavam já 40:000 amoreiras, por elle colligadas e havidas com despesas: o Sr. Tinelli pediu por vezes ao governo e ás camaras a concessão por certo número de annos d'aquelle terreno, para ali fazer um seminario-modelo do tractamento e propagação do bicho da seda: industria que a França e outras nações tratam de acclimatizar; e entre nós é tanto mais util o promover-se que a industria popular do panho de linho, que entretinha na provincia do Minho mais de cincoenta mil braços, está defecando e morrendo pela concorrência dos tecidos inglezes entre nós e no Brazil. Esta tão louvavel pretensão e patriótico offerecimento não foi attendido; e o Sr. Tinelli, tendo de continuar a sua carreira consular,ahi vai despachado para a America hispanhola, a sua plantação vai ser vendida a retalho, e seus projectos caducaram!! A França, os Estados da Alemanha, por toda a parte mandam quem aprenda das outras nações os aperfei-

çoamentos e industrias que entre elles carecem de fomento: nós, volámos ao desprezo quem nos vem offerrecer novos mananciaes de industria!! É fado nosso.»

RECOVAGEM. (1)

89. AGRADECENDO primeiramente os não merecidos e excessivos elogios do sr. Redactor da REVISTA, pois que para haverem esses mesmos estudos que me attribue era preciso existirem os elementos de cujo falta me queixo, passarei a continuar o assumpto encetado a fl. 64.

Estabelecidas as razões elementares d'esta investigação, vamos agora ver por ellas, quanto caberia a Portugal de recovagem territorialmente, se as nossas produções diversas não differissem em nada das da França. Tendo sido a recovagem arbitrada em 173 milhões para a França, e tendo Portugal 0,17 das dimensões d'aquella nação, segue-se $(173 \times 0,17)$ que nós deveríamos ter 29,41 milhões de recovagem se possuíssemos, segundo as áreas relativas, a mesma riqueza e a mesma população no nosso territorio que possui a França. Não tendo nós porém a mesma riqueza e offerecendo ellas, segundo as minhas supposições, os termos de 128 réis para 40 réis, haverá a fazer um abattimento de 128 para 40 n'estes 29.41 milhões, o qual os reduzirá a 9.19 milhões.

A última redução que nos resta a fazer é a da população. Reduzimos terreno, reduzimos riqueza, devemos tambem reduzir o alimento e mais accessorios de 93 individuos em cada milha quadrada em Portugal contra 160 no mesmo espaço em França. Sujeitando pois os 9.19 milhões supra a esta regra mais, teremos finalmente 5.34 milhões de toneladas francezas para toda a recovagem de Portugal; dado que podessem merecernos algum credito as analogias que tenho estado a procurar estabelecer entre os dois paizes.

N'estes 5.34 milhões de toneladas devem tocar, segundo a repartição indicada por Mrs. Navier e Dutens, 3.92 milhões a generos consummidos onde se criam, 0.15 a condução aquatica, 0.65 a caminhos traversos, e 0.31 a estradas reaes. Não hesito em não alterar a distribuição que propuzeram estes dois AA. por que a arrumação ou localisação dos habitantes do nosso paiz está no caso de se assimilar talvez bastante á da França.

Ambas as nações são muito agriculas, guardada a distancia da nossa deficiencia. E, para não haver preferencias nas especies, se as nossas estradas reaes são más os seus caminhos vicinaes e traversos não estão em melhor estado. É verdade que não temos canaes, mas tambem pelo outro lado, servimo-nos muito do transporte costeiro e de cabotagem para os nossos generos.

Tolerada pois a distribuição, que de curiosidade aqui se appropriou, vamos converter os pêsos francezes em portuguezes e fazer a divisão por individuo a ver o que dá para cada um, afim de se colligir se ha muita extravagancia, ou ha alguns visos de probabilidade nas phantazias que se teem computado até agora.

Uma tonelada franceza pelas taboas da traducção portugueza da arithmetica de Lacroix é egual a 2,166.88 arrateis portuguezes; serão portanto os 5.34 milhões de toneladas francezas equivalentes a 11,571.453,200

arrateis, ou 361,598,100 arrobas, ou 90,399,523 quintaes, ou 3,185,686.20 toneladas portuguezas. Estes números ficam muito distantes para se poder apreciar a sua applicação, e por isso passaremos a reparti-los chronologicamente.

Foi já dito que a população de Portugal em 1841 eram 3,396,972 almas. Se dividirmos os arrateis que temos achado por este divisor, teremos por anno para cada individuo, 3,403 arrateis. Este quociente ainda se não faz bem saliente á nossa comprehensão. Se portanto o tornarmos a dividir por 365 dias sahirá de 9 a 10 arrateis por dia o peso dos objectos que tem de se mover até que cheguem ao seu ultimo destino.

Se se attender a que se em pão se calcula um gasto quotidiano de $1\frac{1}{4}$ a $1\frac{1}{2}$ lb., e que ha além d'este, mais outros artigos de que se compõe a sustentação do homem, que não se tem de se alimentar, mas que se veste e que se abriga, quesitos todos que multiplicam o volume por um sem fim de variadas e diversas formas, pôde ser que se não ache de todo chimerico este ultimo resultado.

As pessoas comtudo que julgarem que mui limitada deve ser a consideração que lhes devem merecer estas deducções por serem todas ellas tiradas de dados graciosos, nem por isso deixam de ter razão.

De accordo com os que assim pensam aqui ficaria, se a tarefa que tomei me não obrigasse a alguns esclarecimentos sobre esses algarismos, reaes ou ficticios, que tenho calculado.

Um ponto que significa muito para a viação, é a intensidade da população, porque segundo ella é mais ou menos especifica n'um dado espaço, mais ou menos extensa é a distancia que tem de percorrer o producto antes de se consumir; d'onde, sem refferencia a preços, os districtos que pela sua pobreza menos meios tem para fazer estradas são os que mais precisam d'ellas e mais caros tem de pagar os transportes. As distancias são maiores.

Em assentando as áreas e a população de cada uma das provincias, faremos o possível por tornar clara esta proposição.

AREAS DAS PROVINCIAS.

Leguas quadradas.

Minho	262
Tras-os-Montes	337
Beira	726
Extremadura	607
Alemtejo	838
Algarve	480

Total. 2,950

POPULAÇÃO DAS PROVINCIAS.

Habitantes.

Minho	828,368
Tras-os-Montes	305,314
Beira	1,093,486
Extremadura	762,885
Alemtejo	276,590
Algarve	130,329

Total. 3,396,972

Habitantes por legua quadrada.

Minho	3,161
-----------------	-------

Tras-os-Montes	906
Beira	1,506
Extremadura	1,256
Alemtejo	330
Algarve	724

Termo medio total 1,151

Tudo o que se produz tem de soffrer depois de produzido mais ou menos movimento primeiro que alcance a sua permutação, ainda que não seja senão o da sua transposição do domicilio rural para o urbano, ou do campo para a cidade: ora, sendo o espaço, na provincia, por exemplo, do Alemtejo de habitante para habitante como de 9 para 1, em comparação do Minho (330 para 3,161) segue-se que tem de andar, por exemplo, um moio de trigo 9 vezes mais caminho no Alemtejo do que no Minho para chegar ao logar da venda, e portanto importará a sua condução 9 vezes mais, o que vem a ser um desfalque ou um augmento muito serio na venda para o lavrador, ou na compra para o consumidor. É esta uma das razões não pouco sensiveis das lastimas em preços de cereaes, de que se queixam n'aquella provincia, relativamente ás outras.

Antes de passar adiante, ao arbitramento do custo da recovagem, assentarei as suas qualidades por provincias segundo o consumo de cada habitante. Achou-se que o peso de coisas que cada um d'elles consumme era o de 9 a 10 arrateis por dia. Dando que não sejam inteiramente imaginarias todas as cifras que se contaram, serão as arrobas a transportar em cada provincia as seguintes:

Arrobas.

Minho	89,761,438
Tras-os-Montes	33,083,634
Beira	118,460,983
Extremadura	82,645,875
Alemtejo	29,963,919
Algarve	14,118,975

Total. 368,034,821

(Continúa.)

Claudio Adriano da Costa.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO VII.

Reflexões importantes sobre o Bois-de-Boulogne, as carruagens de mallas, Tortoni, e o café do Cartaxo. — Dos cafés em geral, e de como são o caracteristico da civilização de um país — O Alfageme. — Hecatombe involuntaria imolada pelo A. — Historia do Cartaxo. — Demonstra-se como a Gran-Bretanha deveu sempre toda a sua força e toda a sua glória a Portugal. — Shakspeare e Lafitte, Milton e Chateaumargot. — Nelson e o principe de Joinville. — Prova-se evidentemente que M. Guizot é a ruína de Albion e do Cartaxo.

90 Voltar á meia-noite do Bois-de-Boulogne — o bosque por excellencia, descer, entro muros de poeira, o longo stadio dos Campos-Elysios, entrever, na rapida carreira, o obe-

lisco de Luxor, as árvores das Tulherias, a columna da praça Vendomma, a magnificencia heteroclyta da 'Magdalena', e enfim sentir parar, de uma soffreada magistral, os dois possantes inglezes que nos trouxeram quasi de um folego até ao 'boulevard de Gand'; ahi entreabrir mollemente os olhos, levantando meio corpo dos regallados cochins de seda, e dizer: 'Ah! estamos em Tortoni... que delicia um sorvete com este calor!' — é seguramente, é dos prazeres maiores d'este mundo, sente-se a gente viver; é meia hora de existencia que vale dez annos de ser rei em qualquer outra parte do mundo.

Pois acredite-me o leitor amigo, que sei alguma coisa dos sabores e dissabores d'este mundo, fiese na minha palavra, que é de homem experimentado: o prazer de chegar por aquelle modo a Tortoni, o apear da elegante caleche balanceada nas mais suaves molas que fabricasse arte ingleza do puro aço de Suecia, não alcança, não se compara ao prazer e consolação de alma e corpo que eu senti ao apear-me de minha choiteira mula á porta do grande café do Cartaxo.

Fazem idea do que é o café do Cartaxo? Não fazem. Se não viajam, se não sabem, se não vêem mundo esta gente de Lisboa! E passam a sua vida entre o Chiado, a rua do Oiro e o theatro de San'Carlos, como hão de alargar a esphera de seus conhecimentos, desinvolver o espirito, chegar á altura do seculo.

Coroe-vos de alface, e ide jogar o bilhar, ou fazer sonetos á dama nova, ide, que não prestais para mais nada, meus queridos Lisboaes; ou discuti os deslavados horrores de algum melodrama velho que fugiu assoviado da 'Porte-Saint Martin' e veio esconder-se na Rua-dos-Condes. Tambem podeis ir aos Toiros — estão imbolados, não ha perigo...

Viajar?... qual viajar! até á Cova-da-Piedade i, quando muito, em dia que lá haja cavalinhos. Pois ficareis alfacinhas para sempre, cuidando que todas as praças d'este mundo são como a do Terreiro-do-Paço, todas as ruas como a rua Augusta, todos os cafés como o do Mar-rare.

Pois não são, não: e o do Cartaxo menos que nenhum.

O café é uma das feições mais characteristics que ha n'uma terra. O viajante experimentado e fino chega a qualquer parte, entra no café, observa-o, examina-o, estuda-o, e tem conhecido o paiz em que está, o seu governo, as suas leis, os seus costumes, a sua religião.

Levem-me de olhos tapados onde quizerem, não me desvendem senão no café; e protesto-lhe que em menos de dez minutos lhe digo a terra em que estou se for paiz subllunar.

Nós entrámos no café do Cartaxo, o grande café do Cartaxo; e nunca se cruzou turco em divan de seda do mais splendido café de Constantinopla com tanto gôso de alma e satisfação de corpo, como nós nos sentámos nas duras e asperas tábuas das esguias banquetas mal sarapintadas que ornão o magnifico estabelecimento bordalengo.

Em poucas linhas se descreve a sua simplicidade classica: será um parallelogrammo pouco maior que a minha alcova; á esquerda duas mezas de pinho, á direita o mostrador invidraçado onde campeam as garrafas obrigadas de licor de amendoa, de canella, de cravo. Pendem do tecto, laboriosamente arrendados por não vulgar thesoira, os pingentes de papel, convidando a lascivo repouso e inquieta raça das moscas. Reina uma frescura admiravel n'aquelle recinto.

Sentámon'os, respirámos largo, e entrámos em conversa com o dono da casa, homem de trinta a quarenta annos, de physionomia experta e sympathica, e sem nada do repugnante villão-ruim que é tam usual de encontrar por semelhantes logares da nossa terra.

— 'Então que novidades ha por cá pelo Cartaxo, patrão?'

— 'Novidades! Por aqui não temos senão o que vem de Lisboa. — Ahi está a 'Revolução' de hontem...'

— 'Jornaes, meu caro amigo! Vimos fartos d'isso. Diga-nos alguma coisa da terra. Que faz por cá o...'

— 'O mestre J. P. o 'Alfageme?'

— 'Como assim o Alfageme?'

— 'Chamam-lhe o Alfageme ao mestre J. P., pois então! Uns senhores de Lisboa que ahi estiveram em casa do Sr. D. poseram-lhe esse nome, que a gente bem sabe o que é, e ficou-lhe, que agora ja ninguem lhe chama senão o Alfageme. Mas quanto a mim, ou elle não é Alfageme, ou não o hade ser muito tempo. Não é aquelle não. Eu bem me intendo.'

A conversação tornava-se interessante, especialmente para mim: quizeamos profundar o caso.

— 'Muito me conta, Sr. patrão! Com que isto de ser Alfageme, parece-lhe que é coisa de?...'

— 'Parece-me o que é, e o que hade parecer a

todo o mundo. E alguma coisa sabemos, ca no Cartaxo, do que vai por elle. O verdadeiro Alfageme diz que era um espadeiro ou armeiro, cutileiro ou coisa que o valha, na Ribeira de Santarem; e que foi um homem capaz, e que tinha pelo povo, e que não queria saber de partidos, e que dizia elle: 'Rei que nos inforque, e papa que nos excommungue, nunca hade saltar. Assim, deixar os outros brigar, trabalhemos nós e ganhemos a nossa vida.' Mas que estrangeiros que não queria, que ésta terra que era nossa e co'a nossa gente se devia de governar. E mais coisas assim: e que por fim o deram por traidor e lhe tiraram quanto tinha. — Mas que lhe valeu o Condestavel e o não deixou arrazar, por que era homem de bem e fidalgo ás direitas. Pois não é assim que foi?'

— 'E, sim, meu amigo. Mas então d'ahi?'

— 'Então d'ahi o que se tira, é que quando havia fidalgos como o sancto Condestavel tambem havia Alfagemes como o de Santarem. E mais nada.'

— 'Perfeitamente. Mas porque chamaram ao mestre P. o Alfageme do Cartacho?'

— 'Eu lhe digo aos senhores: o homem nem era assim nem era assado. Fallava bem, tinha sua labia com o povo. D'ahi fez-se juiz, pôs por ahi suas coisas a direito — Deus sabe as que elle intortou tambem!.. ganhou nome no povo, e agora faz d'elle o que quer. Se lhe der sempre para bem, bom será. — Os senhores não tomam nada?'

O bom do homem visivelmente não queria fallar mais: e não deviamos importuná-lo. Fizemos o sacrificio de bom número de limões que exprememos em profundas taças — vulgo, copos de canada — e com agua e assucar, offerecemos as devidas libações ao genio do lugar.

Infelizmente o sacrificio não foi de todo incruento. Muitas hecatombes de myrmidões cahiram no holocausto, e lhe deram um cheiro e sabor que não sei se agradou á divindade, mas que injoou terrivelmente aos sacerdotes.

Sabimos a visitar o nosso bom amigo, o velho D., a honra e a alegria do Ribatejo. Já elle sabia da nossa chegada, e vinha no caminho para nos abraçar.

Fomos dar junctos, uma volta pela terra.

É das povoações mais bonitas de Portugal, o Cartaxo, acuada, alegre; parece o bairro suburbano de uma cidade.

Não ha aqui monumentos, não ha historia antiga: a terra é nova, e a sua prosperidade e

crescimento datam de trinta ou quarenta annos desde que o seu vinho começou a ter fama. Já descabida do que foi, pela estagnação d'aquelle commercio, ainda é comtudo a melhor coisa da Borda-d'agua.

Não tem historia antiga, disse; mas tem-n'a moderna e importantissima.

Que memorias aqui não ficaram da guerra peninsular! Que espantosas horracheiras aqui não tomaram os mais famosos generaes, os mais distinctos militares da nossa *antiga e fiel* alliada, que ainda então, ao menos, nos bebia o vinho!

Hoje nem isso!... hoje bebe a jacobina zurrapa de Bordoas, e as acerbas limonadas de Borgeonha. Quem tal diria da conservativa Albion! Como pôde uma leal goella britannica, rascada pelos acidos anarchicos d'aquellas vinagretas francezas, intoar devidamente o God-save-the-King em um *toast* nacional! Como, sem Porto ou Madeira, sem Lisboa, sem Cartaxo, ousa um subdito britannico erguer a voz, n'aquella harmoniosa desafinação insular que lhe é propria e que faz parte de seu respeitavel character nacional — faz; não se riam: o inglez não canta senão quando bebe... alias quando *está BEBIDO. Nisi potus ad arma ruisse. Inverta: Nisi potus in cantum prorumpisse...* Mas como hade elle, digo, erguer a voz n'aquella sublime e tremendo hymno popular Rulle, Britannia!

Bebei, bebei bem zurrapa franceza, meus amigos inglezes; bebei, bebei a pêsso de oiro, essas limonadas dos burgraves e margraves de Al-lemanha; chamae-lhe, para vos illudir, chamae-lhe *hoc*, chamae-lhe *hic*, chamae-lhe o *hic hæc hoc* todo, se vos dá gôsto... que em poucos annos veremos o estado de *acetato* a que hade ficar reduzido o vosso character nacional.

Oh gente cega a quem Deus quer perder! pois não vêdes que não sois nada sem nós, que sem o nosso alchool, d'onde vos vinha espirito, sciencia, valor, ides cahir infallivelmente na antiga e priguiçosa rudeza saxonica!

D'essas traidoras praias da França donde vos vai hoje o veneno corrosivo da vossa idole e da vossa força, não tardará que tambem vos chegue outro Guilherme bastardo que vos conquiste e vos castigue, que vos faça arrepender, mas tarde, do criminoso erro que hoje commetteis, é insulares sem fé, em abandonar a nossa alliança. A nossa alliança sim, a nossa poderosa alliança, sem a qual não sois nada.

O que é um inglez sem Porto ou Madeira... sem Carcavellos ou Cartaxo?

Que se inspirasse Shakspeare com Lafitte, Milton com Chateaumargot — o chanceller Bacon que se dilluisse no melhor Borgonha — e veríamos os acidulos versinhos, os destemperados raciocininhos que faziam.

Com todas as suas dietas, Newton nunca se lembrou de beber Jhoannisberg; Byron antes beberia gin, antes agua do Thamisa, ou do Pamiso, do que essas escorreduras das areias de Bordeos.

Tirae-lhe o Porto aos vossos almirantes, e ninguém mais teme que torneis a ter outro Nelson. Entra nos planos do principe de Joinville fazer-vos beber da sua zurrapa: são tantos pontos de partido que lhe dais no seu jôgo.

É Mr. Guizot quem perde a Inglaterra com a sua alliança; e tambem perde o Cartaxo. Por isso eu ja não quero nada com os doutrinarios.

Ha dôze annos tornou o Cartaxo a figurar conspicuamente na historia de Portugal. Aqui, nas longas e terriveis luctas da última guerra de successão, esteve muitas vezes o quartel-general do marquez de Saldanha.

Alguns dythirambos se fizeram; alguns echos das antigas canções bachicas do tempo da guerra peninsular ainda accordaram ao som dos hymnos constitucionaes.

Mas o systema liberal, tirada a epocha das eleições, não é grande coisa para a indústria vinhateira, dizem. Eu não o creio porém: e tenho minhas boas razões, que ficam para outra vez.

(Continúa.)

A. G.

MEMORIA SOBRE TOPOGRAPHIA PORTUGUEZA. (1)

91 Até aqui havemos mencionado as cartas do reino vizinho, e especializado as que abrangiam o nosso Portugal. Fallaremos agora das que nos são exclusivas. Ja acima nos referimos á memoria do sr. Folque, e so de passagem accrescentaremos que a base medida pelo Sr. Ciéra para a triangulação do reino teve lugar entre Monte-Redondo e a serra de Buarcos, além do Mondego, na extensão de 14,976 braças: que os angulos foram medidos com um circulo de Borda; e que houve uma segunda base de verificação na esquerda do Tejo entre o Montijo e Batel na extensão de 4,785 braças. Dos trabalhos então feitos se gravou uma chapa, que ainda existe (segundo nos informam) sem ter servido, no nosso archivo militar, mas os inglezes, por um qualquer meio houveram conhecimento d'elles, e os gravaram e publicaram em Londres, acreditámos que pelo anno de 1803.

CARTAS ESPECIAES DE PORTUGAL.

33 — A Carta militar das principaes estradas de Portugal tirada da de Lopes, pelo então capitão de engenheiros L. H. da Cunha d'Eça, em 1810. N'este genero é muito soffrivel, mas não geralmente exacta, e sobretudo no contorno da costa, direcção de rios etc.

34 — Carta (ingleza) dos reinos de Portugal e Algarve por Lodge. É copia da de Zannoni, incorrecta, e sem data. Indica várias sondas ao longo da costa. Zannoni é auctor de muitas cartas, e sobretudo de uma assaz boa do reino de Napoles; mas decerto lhe devia saber mau edificio escaceando-lhe os materiaes.

35 — Dita, geographica de Portugal, construida segundo a última divisão militar, administrativa e judicial — Lisboa, 1837. Foi redigida no nosso archivo militar, e lithographada pelo sr. capitão engenheiro Antonio José d'Abreu, que so publicou das duas folhas a que abrange o Alentejo e o Algarve.

36 — Carta do reino de Portugal por Lopes. Posto que sem data, parece haver sido gravada em 1809 ou 10. Marca as distancias de lugar a lugar, e as horas do transito. Segundo alli se diz, parece serem estas tiradas das labellas do padre João Baptista de Castro, no seu mappa de Portugal.

37 — Carta corographica de Portugal pelo major Joaquim Pedro Cardoso Casado Giraldez. Gravada em Pariz por Colin, sem data e em pequenissima escala: anda annexa á sua estatistica, historico-geographica d'este reino.

38 — Dita (ingleza) de Portugal pela Sociedade da propagação dos conhecimentos uteis, e tirada da de Lapié, Lopes, Lamotte e Antillon: publicada por Baldwin e Cradock, em novembro de 1831. É em escala mui diminuta, e as letras da sua nomenclatura quasi microscopicas.

39 — Dita (tambem inglaterra) de Jeffery em seis folhas na escala de $\frac{1}{144400}$ publicada em Londres por W. Faden em 1790. É mediotre, pobre de detalhes, e fundada em antigos materiaes. Consta-nos haver outra edição, que não vimos.

40 — Dita (tambem inglaterra) de Faden, uma folha na escala de $\frac{1}{190900}$ muito insufficiente.

41 — Mappa dos caminhos de Portugal (inglez) em duas folhas, sem escala nem gradação: publicado em 1811 por Arrowsmith, e revisto em 1812 por James Crutwell, tenente do regimento 83.

42 — As duas provincias do Minho e Trax-os-Montes, pelo Sr. J. F. Guimarães. Citado por mr. Bonnet: não temos entre nós incontrado vestigios d'esta carta.

43 — A de Trax-os-Montes pelo Sr. J. J. Freitas Coelho. Foi tirada da de Lopes com pequenos accrescentamentos, resultantes da experiencia.

44 — Carta d'entre o Douro e o Vouga pelo general de engenheiros Sousa Ramos.

45 — Diferentes porções da Beira (inedita) pelo Sr. Agostinho Albano da Silveira Pinto, quando unido ao estado-maior de Lord Wellington. Consta-nos que esta carta fôra d'entre o Douro e o Mondego, escala de quatro polegadas por legua, com referencia aos trabalhos feitos pelo Sr. Ciéra, e seguindo o systema topographico e descriptivo adoptado pelos officiaes do estado-maior inglez. Todavia não se publicou, e tendo sido franqueada a alguém para fins militares, so ignora hoje em que mãos pára. O Sr. Silveira Pinto

fez differentes outros trabalhos ao sul do Mondego, e provincia do Alemtejo.

46—O pinhal de Leiria pelo brigadeiro de engenheiros J. P. Pereira. (in.)

47—O mesmo pinhal, de novo levantado pelos Srs. segundos-tenentes da armada *Batalha e Silva*, publicado, ja reduzido, nos annaes maritimos e coloniaes, 1843; sendo o original na escala de $\frac{1}{20000}$ desenhada a cores segundo o novo systema de *Perauld*.

48—Parte da Extremadura ao norte de Lisboa, pelos generaes *Caula e Neves Costa*, ambos de engenheiros (in.)

49—A porção de terreno entre Cassilhas e Trafaria, pelo Sr. brigadeiro *Pedro Celestino Soares* (in.)

50—O reino do Algarve pelo Sr. coronel *José Carlos de Figueiredo*, o tenente-coronel *Arbúes Moreira*. Levantada por ordem do conde de *Barbacena*, por occasião do reconhecimento militar d'aquelle paiz: existe no archivo militar, d'onde o copiou o Sr. capitão de artilheria *José Marcellino da Costa Monteiro* para ser, como foi, junto á corographia d'aquelle reino, pelo Sr. J. B. da *Silva Lopes*.

51—Carta hydrographica de toda a costa de Portugal, levantada em 1811 pelo Sr. coronel *Franzini*, que foi reproduzida em 1816 pelo archivo da marinha franceza, mas reduzida á escala de $\frac{1}{100000}$. É a mais bem executada d'este genero, e revela muitos erros da de *Tofino*.

52—Em 1803 se levantou uma carta da fronteira, entre o Tejo e Arronches, pelo conde de *Chambors*, e o Sr. *Neves Costa*, por ordem do marquez de la *Rosière*, que este parece ter feito ir para França. — Tambem da fronteira do Alemtejo ha uma carta levantada pelo marquez de *Ternay*, e que deve existir no archivo da 7.^a divisão militar em *Extremoz* (in.)

53—Ha outros reconhecimentos feitos nas proximidades da serra d'Estrella e Beira-Alta, por ordem: uns do principe de *Walde*, e outros pelas do marquez de *Alorna* e conde de *Viomenil*, que acreditamos terem sido executados pelos Srs. *Blumstein*, *Mirmont*, e *Wiederholtz*, officiaes ao nosso serviço. Ignoramos que sorte tiveram.

54—Ha uma carta inedita do terreno entre Trancoso, Lamego e Vizeu, construida por M. *Bufay* por ordem do marquez de la *Rosière*. Existe no archivo militar, e é digna de ser consultada.

55—Carta topographica da península de Setubal, levantada em 1817 a 20 pelo Sr. *Neves Costa* por ordem do marechal *Berensford*.

56—Uma bellissima carta da cidade de Lisboa e sitio de Belem, levantada por um official ás ordens do duque de *Wellington*.

57—Outra do mesmo terreno e em maior escala, levantada pelo Sr. brigadeiro D. J. *Fava*, em 1807, rectificada por seu filho o Sr. tenente-coronel J. B. de *Sousa Fava*, e publicada em 1833. — D'esta existe uma redução em 2 folhas feita no archivo militar pelo Sr. coronel de engenheiros J. J. *Ferreira de Souza*, ja gravada. — Havia outra do anno de 1800, pequena e incorrecta: e em 1843 o Sr. *Vidal* acabou e publicou outra com as recentes alterações acontecidas na cidade, porém sem elegancia, e de muito imperfecto desenho. É a que se encontra á venda nos principaes livreiros.

58—Mappa do districto vinhateiro do Doiro, offe-

recido a Sua Magestade, por *James Forster*. É magnifico, bem gravado, e asseveram-nos que muito exacto. A parte orographica e topographica são completas. Foi gravado em Londres por mr. *Wylde*, em 1843.

59—Planta da cidade do Porto, 1844, em grande escala com todas as modernas alterações e acrescentamentos. É soffrivelmente desenhada, e não tem nome de auctor.

60—Dita das linhas defensivas e offensivas do Porto em 1832, pelo Sr. coronel de engenheiros *Arbúes Moreira*. — Ha tambem outra planta das linhas de Lisboa em 1833, (in.) levantada pelo Sr. major engenheiro *Pires*.

61—Carta militar (ingleza) do paiz entre Lisboa e Vimeiro, occupado pelo exercito inglez do commando de lord *Wellington*; publicada com licença do quartel-mestre general por *James Wylde* em janeiro de 1827.

62—Carta corographica dos arredores de Lisboa, levantada sob a direcção de *Carlos Pisquet* por *Guerin de Lamotte*, segundo as operações trigonometricas do sr. *Ciêra*, e os trabalhos dos engenheiros portuguezes e francezes. — Paris, 1821. É a melhor d'este terreno posto que não exempta de erros. Chamam-lhe do Sr. *Verdier*—sob cuja influencia parece ter ella apparecido: É na escala de $\frac{1}{100000}$.

63—Mappa d'entre Doiro e Minho, feito por ordem do Sr. *Nicolau Trant*, 1813. É a mais procurada d'aquelle districto; e redução da carta geral do Minho pelo sr. *Custodio Gomes Villas-boas*, a qual existe no archivo.

64—Carta do rio Doiro (em parte) levantada pelo sr. *Luiz Gomes de Carvalho* para o seu incanamento; anda juncto ás memorias da academia.

65—Carta lithographada da provincia do Minho por J. B. P., 1832. Mal desenhada, mas em boa escala, não é de todo má na parte topografica.

66—Dita da porção de Portugal entre o Zezere e o Tejo, para servir á intelligencia da campanha de 1807, levantada pelo chefe do batalhão J. M. *Carvalho*, sob as vistas do general *Foy* para a historia da guerra peninsular, a cuja obra anda juncta. É boa.

67—Os arredores de Lisboa (ingleza) arranjada pela Sociedade da propagação dos conhecimentos uteis. Desenhada por W. B. *Clarke*, e publicada por por *Balwin e Cradock*. É muito curiosa, posto que em pequena escala.

68—Planta da cidade do Porto e seus suburbios, por J. *Wylde*, 1832. Não é exacta.

69—Das Linhas de *Torres Vedras*, ha uma carta levantada pelo sr. L. H. da *Cunha d'Eça*—outra, bem como das de *Almada*, pelo sr. coronel engenheiro *Brandão e Souza*—outra que anda annexa á obra publicada pelo coronel *João Jones*—finalmente a de M. *Wylde*, fazendo parte do seu atlas acima mencionado.

70—*João Silverio Carpinetti* offereceu ao marquez de Pombal as cartas especiaes de cada uma das nossas provincias, e uma do patriarchado, que serviriam de base á de *Faden*; são imperfeitas e erradas, e posto que o seu intento fosse a correcção dos trabalhos anteriores, de sorte que só na Beira emendasse 200 logares, todavia nas outras provincias, elle proprio confessa haver pouco feito, pelo desincontro das informações que obtinha. Nenhum trabalho geometrico

influia n'esta edição, mas apenas as notícias de particulares sobre as distancias relativas, sendo alias as nossas itinerarias tão desiguaes e incertas.

71 — Ha muitas cartas da península em uma folha, fazendo parte dos differentes atlas geographicos. Os melhores de todos estes são os de *Brué e Lapi*.

72 — Consta-nos haver inédita, mas bem acabada, uma planta de Coimbra e seus contornos, levantada por um estudante da faculdade de mathematica. São dignas de se consultar as cartas annexas ás memorias do marechal *Suchet*; as do general *Saint-Cyr*, na Catalunha; e a do cavalleiro *Fauni* na sua historia da legião italiana na Hispanha, bem como a dos *Pyrineus* que vem no atlas da historia das guerras da Revolução, do general *Jomini*.

As obras de *Laborde* — *Balbi* — *Malthron* — *Bory de Saint-Vincent* — *Burgoing* — *Thomson* — *David* — *Pouz* — *Antillon* — *Campomano* — *Casado-Giraldes* — *Epinalty* — *Ganda* — *Mimano* — *J. B. de Castro* etc. dão muitos detalhes, que podem esclarecer, e ampliar os das differentes cartas. Cumpre todavia acompanhá-las de alguma critica, porque a mordacidade e a liberdade poetica, senão tambem a muita ligeireza no tomar noticias, convertem repetidas vezes em charlatães os que se inculcam nossos illustrados visitantes.

Não tendo sido possível alcançar todas as cartas a que nos referimos houve-mos de nos reportar a algumas noticias alheias. Esperámos pois que se nos releve qualquer inexactidão que appareça n'este nosso ligeiro e succinto trabalho, e que este seja corrigido com todos os demais esclarecimentos que se possam ministrar sobre a materia, que é alias de grave importancia especialmente em quanto não vimos concluida a carta para que se tomam efficazes medidas.

A. Xavier Palmeirim.

BIBLIOGRAPHIA.

NOÇÕES ELEMENTARES DE ONTOLOGIA, PSYCHOLOGIA NACIONAL E THEODICEA, ou a metaphysica de Genuense reformada por M. Pinheiro de A. A. professor de philosophia no Lyceu-nacional de Braga. — Porto — 1845.

99 O Sr. M. Pinheiro de A. A., proseguindo na ardua mas utilissima empreza que o seu zelo pelo desenvolvimento dos estudos philosophicos no nosso pais lhe fizera encetar, acaba de tirar a lume a obra acima indicada, com a qual se torna cada vez mais acriador dos elogios e reconhecimento de todos aquelles que desejam ver facilitados os meios de uma instrucção solida e em harmonia com o estado das sciencias entre as nações que as cultivam com maior ardor e proveito. Com as *Noções elementares de psychologia e Ideologia*, publicadas em 1823, o benemerito professor de philosophia do Lyceu de Braga brindára os seus collegas no magisterio de tão importante disciplina, e a todos os cultores d'ella, com um tractado breve, mas profundamente meditado, no qual seguindo o rasto luminoso do grande ideologo *Lamocière*, corrigiu numerosos erros, e ampliou não poucas doutrinas da logica de *Antonio Genovesi*, conhecido entre nós pelo appellido de *Genuense*. Não faltará quem apesar d'aquellas emendas e addicionamentos achele por ver adoptado pela nossa Universidade, para o ensino da logica, outro compendio que offereça á estudiosa mocidade portugueza utilidade mais directa e positiva que a de simplesmente preservá-la de tenebroso barbarismo dos heractilos de *Allemanha*, e da brilhante phantasmagoria dos de *França*. (1) Enquanto porém os sabios que

compoem o nosso areopago academico não julgam ter chegado o momento de tomar a este respeito uma providencia decisiva, as instituições logicas do distincto economista italiano, acompanhadas do interessante opusculo do Sr. Pinheiro poderão continuar a desempenhar muito melhor do que antes, o importante ministerio de iniciar nos prodromos da philosophia os mancebos que, ao pertendem cursar estudos maiores, ou se destinam a qualquer das carreiras liberaes. O mesmo muito valioso serviço ficam agora devendo ao eximio professor *Bracharense*, elles, e todos os amigos dos bons estudos, pelo que respeita a tres outras partes d'aquella nobilissima entre as sciencias, a ontologia, psychologia racional, e theodicea, em cujas *noções elementares* (como elle modestamente as intitula) o sr. M. Pinheiro sem perder totalmente de vista as instituições que adoptou como base do seu trabalho, procede com mais desafogo e independencia. Com effeito, principalmente n'esta segunda lucubração, os criticos mais difficeis de contentar encontrarão a par de uma razoavel abundancia de doutrina solida, e eminentemente util, boa deducção, e methodo appropriado á capacidade juvenil, qualidades essenciaes em escriptos de similhante natureza.

As definições pertencentes á ontologia, que rapidamente corremos pelos olhos, pareceram-nos boas em geral, algumas sublimis e profundas, taes que nos fizeram lembrar as que se encontram na metaphysica de *Sigmund Sternbau*, auctor que apesar do seu estilo arido, e resabiado do pedantismo da escola, lamentámos que não seja tão conhecido em Portugal como o é na Italia, na Belgica e na *Allemanha*.

As muitas e extensas notas que acompanham quasi perpetuamente o texto da obra, contém doutrina importantissima, e quasi sempre absolutamente indispensavel para o cabal conhecimento da materia que são destinadas a dilucidar. No nosso humilde entender fóra mais conveniente incorporar o seu conteúdo no texto, ou acrescental-as a elle como corollarios ou como escholios, mas que fizessem parte integrante do artigo ou paragrapho correspondente. Não somos de opinião que se houvesse de resuscitar o methodo dos escolasticos, seguido até pelo *doutor Angelica*, de refutar as objecções antes de expender os argumentos directos que provam a verdade de cada thesa que se estabelece; mas por outra parte é fóra de toda a duvida, que não se deve considerar como plenamente demonstrada uma proposição sem que se satisfaça ás objecções que contra ella militam, principalmente quando a materia é implexa, e os argumentos allegados pelos adversarios são especiosos e mais facéis de comprehender que os que fazem em favor da thesa estabelecida. Preveja que a esta observação se responderá naturalmente, que nada mais facil do que fazer desaparecer a linha de demarcação entre o texto e as notas, obrigando os estudantes a aprenderem a continencia d'estas conjunctamente com a d'aquelle, e que assim a solução das objecções não lhes ficará sendo menos conhecida, do que as provas directas de qualquer thesa. Poderíamos replicar, que por isso mesmo, a separação a que alludimos se convence de desnecessaria. Em todo o caso porém o reparo é tão insignificante que talvez já com elle nos hajamos demorado mais do que deveramos.

As theses de vital importancia, taes como as convergentes á immaterialidade e immortalidade da alma, e á existencia de Deus, acham-se provadas com argumentos concludentes, e não lhes mingua sufficiente desenvolvimento. A demonstração da liberdade da alma humana por ninguém será tractada de deficiente; pelo contrario alguém haverá que a repule prolixa, fundando-se em que a volição livre é um facto, que se póde observar, e consta pelo senso intimo, e os factos não se demonstram propriamente fallando, mostram-se, reduzindo-se tudo o que a este respeito podêmos e devemos fazer, a contrariar e fixar a attenção d'aquelles a quem nos dirigimos sobre o phenomeno de que se tracta. Apesar porém das ponderações d'estes psychologos, alias profundos pensadores, não queremos mal ao nosso por essa a que possam chamar superfluidade; a importancia moral, social, e religiosa, da firme creença na li-

zo competentissimo de um dos maiores sabios da epocha actual, o nosso preclarissimo compatriota, o sr. S. Pinheiro Ferreira.

(1) Unico merecimento do Compendio de Genuense no juí-

Verdade da alma (liberdade de indiferença, e não simplesmente de acção) é lamauha, que não deve lamentar-se que se gaste tempo em expender, para radical-a nos animos de todos, razões superabundantes. No capitulo sobre os attributos de Deus achamos a mesma doutrina luminosa, não menos conforme com os dogmas da religião revelada, que com os dictames da recta razão o que notámos, não porque entre uma e outra possa haver opposição, mas porque nem em todos os escriptores philosophos modernos se patenteia sobre este assumpto tão perfeita e evidente conformidade.

Em quanto á conciliação da existencia do mal, principalmente do mal moral, com a bondade divina, desejáramos que o nosso nuctor livesse sido mais explicito e extenso, bem que realmente elle não haja omitido o que fere mais directamente no nro, podendo assim haver-se como sufficiente o que disse para fundamentar as suas conclusões.

Movemos a exprimir este desejo a consideração de que as difficuldades que se encontram na explicação das *origens do mal*, — a que os discipulos de Zoroastro pertenderam occorrer com o seu absurdo *dualismo*, adoptado nos primeiros seculos da igreja pelos manicheus, ainda hoje são reproduzidas com tom de triumphal segurança pelos inimigos do Christianismo. E' tanto mais necessario, no nosso entender, o espraçar um pouco no exame e refutação de tais objecções em um ensaio de *Theodicea*, por isso que a composição mesma d'esta palavra substituida primeiramente por Leibnitz (se nos não enganamos) á denominação de *Theologia natural* precedentemente usada, indica, que o principal escopo d'ella é demonstrar a *justiça divina*, para o que cumpre conciliar-a com a existencia dos males physicos, e particularmente com a dos males moraes. Repetimos que tão pouco neste ponto achámos deficiente o compendio do sr. M. Pinheiro; mas que se teriamos folgado de tractar mais extensamente assumpto de tanto momento por quem é tão capaz de profundal-o magistralmente, e como certamente o fará nas suas prelecções oraes.

O verdadeiro talento é sempre benigno e indigente; permitta-nos pois o eximio philosopho Brachareno; que lhe roguemos que em outra edição se sirva explicar, para melhor intelligencia dos menos versados nas concepções abstracções, uma sua nota a pag. 40, onde depois de deslavour com a sua costumada profundidade e subtileza a noção do infinito, accrescenta: «Este infinito é a substancia universal, o ente absoluto e necessario, que se manifesta á razão pelas tres ideas do verdadeiro, do bom, e do bello absoluto, desinvolvidas pela abstracção dos phenomenos sensíveis, com que a principio se acham confundidas.» Estamos infinitamente longe de suscitar em monacho do sr. M. Pinheiro as vagas e infundadas suspeitas de pantheismo, com que alguns criticos ignorantes ou malevolos tem pretendido desarreditar a moderna escola eclectica franceza, e a M. Cousin um de seus mais distinctos corypheus: o nosso pedido não tem outra mira, que não seja evitar o perigo de uma desfavoravel interpretação da parte dos que so perfunctoriamente lerem a dita nota.

Pelo mais, estamos tão certos da perfeita orthodoxia do auctor, tanto sobre este como sobre todos os outros pontos de doutrina, que damos sincero parabem ao nosso país, ao ver encarregado do magisterio philosophico em uma cidade tão importante como Braga, e devendo ex reer pelos seus escriptos grande influencia sobre a mocidade estudiosa de todo o reino, um sabio que professa e propaga não uma sciencia van, estribada em fallazes sophismas, senão uma doutrina pura, derivada das luzes de uma razão recta, e desassombrada de meaquinhos e iniquas prevenções, contribuindo d'este modo para estreitar cada vez mais entre nós os laços de uma sincera alliança entre a religião e a philosophia, ambas filhas do ceu, ambas fecundas em bens preciosos, quando cada uma d'ellas se conserva dentro dos limites do seu respectivo dominio.

E...

EPICOS BRASILEIROS — Nova edição — 1845. —

O Sr. F. A. de Varnhagen acaba de publicar com este titulo uma elegante edição dos dois poemas: o *Uruguay e Camurupá*, n'um só volume, nitidamente impresso na Typographia nacional, e acompanhado d'algumas noticias e notas muito interessantes.

Os AA. d'estes dois poemas foram, como todos sabem, nascidos no Brazil, e o zelo do illustre editor, ja de todos conhecido e assaz comprovado, pela litteratura d'aquelle rico imperio, não lhe permitiu olhar com indifferença para dois poetas tão distinctos, que apesar de tres edições, tinham sempre sabido á luz com circumstancias de desaz, e imperfeições de que era justo, e mesmo de esperar que a critica illustrada do Sr. Varnhagen os devesse expurgar. A presente edição é pois um serviço importante feito ás lettras brasileiras, que não pôde deixar de ser lamuito apreciado, como aqui estimado, e em toda a parte bemquisto.

ERRATAS.

Pag. 66, col. 1.^a l. 4. — discepções — *disceptações* — dita pag., dita col. l. 23. — paganismo, — *paganismo* — dita pag., dita col. l. 42 — querer — *crer* — pag. 67, col. 2.^a l. 7 — *Crusta* — *Crusca*.

VARIÉDADES.

D. FR. AMADOR ARRAES.

COMMEMORAÇÃO — 1.^o D'AGOSTO DE 1600.

93 D. Fr. Amador Arraes foi varão benemerito das lettras e da humanidade, e honra da igreja lusitana.

Natural de Beja, religioso do Carmo, doutor pela universidade de Coimbra e lente de theologia no mosteiro de Santa-Cruz da mesma cidade; foi pelas suas boas partes elevado ás dignidades de prégador regio, bispo coadjutor do cardeal infante D. Henrique no archiepispado d'Evora, esmoller-mór, e ultimamente bispo de Portalegre.

Entre as muitas e moi virtuosas acções com que illustrou o seu governo n'esta diocese foi uma d'ellas remir os seus diocesanos que na jornada d'Africa haviam ficado captivos. Desejoso porém de voltar á sua cella, renunciou o bispado com a reserva de uma congrua, e recolheu-se ao seu convento de Coimbra, onde acabou em grande opinião de virtude, no dia que commemorámos.

Em quanto ao livro de *dialogos*, que debaixo do seu nome corre impresso, assaz conhecido e estimado é elle para que seja necessario mais larga noticia.

IRMANS DA CHARIDADE.

94 O sr. rei D. João VI, por decreto datado do Rio-de-Janeiro em 14 d'abril de 1819, concedeu a necessaria licença para se estabelecerem em Lisboa as 'irmans da charidade,' e as côrtes da nação, reunidas na mesma cidade, applaudiram em 1821 tão util providencia; e deram para casa de habitação das novas filhas de S. Vicente de Paulo o hospicio que havia sido dos religiosos carmelitas do Ultramar.

Aquelles anjos da terra existem desde então entre nós; e tem feito á humanidade relevantissimos serviços, como é publico e notorio: porém não tem deixado de soffrer custosas privações e penosas contrariedades.

O sr. actual Patriarcha, apenas começou a pastorear o rebanho que a Providencia lhe confiara, tractou de tomar conhecimento do estado em que se achava tão importante estabelecimento: exonerou o superior, substituiu-o dignamente; e seguiram-se a ésta outras medidas, que a prudencia aconselhava e a necessidade prescrevia.

Algumas 'irmans' que com a maior injustiça haviam sido expulsas, foram logo chamadas e admittidas. Outras, que immediatamente se não apresentaram, sem dúvida ainda o serão. E sabe-se que se projectam melhoramentos que hão de fazer que as 'irmans da charidade' em Portugal em nada cedam aquell-

las que ha mais de dois seculos teem feito, e estão fazendo, a admiração do mundo.

Ellas até agora não podiam estender-se além de Lisboa; mas o governo de Sua Magestade, por decreto de 9 do corrente mez, permittiu que se estabelecessem egualmente no Porto; e tudo ahi está prompto para as receber: o que principalmente se deve á Madame Le Gras dos nossos tempos, a sr.^a D. Maria Meclina Pereira Pinto que, hasteando a bandeira da charidade, teve a satisfação de ver reunido em torno d'ella todo quanto o Porto tinha de mais respeitavel.

Entre as pessoas que muito a teem auxiliado n'esta empresa nomearei apenas duas: o sr. Bispo da Diocese, e o sr. Arcediago Wanzeller. E não darei uma relação geral d'ellas porque não estando habilitado para a fazer completa, receio que seja mal interpretada qualquer omissão que haja.

Oh quanto podem os esforços humanos quando são inspirados pela religião, e animados por aquella virtude, sem a qual, segundo a expressão de S. Paulo, será nada aquelle mesmo que tiver o dom da propheta, o poder de transportar montanhas, e o que salvar todas as linguas dos homens e dos anjos!

Vai pois o Porto, que ja possui tantos asylos para a enfermidade e para a desgraça, possuir mais um; o melhor de todos, aquelle que tem sido admirado em todos os paizes, respeitado por todas as revoluções, e que tem resistido a todas as tempestades.

Oxalá que as bellas portuenses, tão religiosas, tão charitativas, tão abundantemente dotadas das prendas que fazem o ornamento do seu sexo, se não limitem a abrir suas mãos generosas em favor de tão piedosa e tão util instituição, mas se resolvam a alistar-se n'ella, as que estiverem em circumstancias de o poder fazer. Em outras partes, na França e na Italia especialmente, pessoas riquissimas, senhoras da mais distincta nobreza, princezas mesmo, teem trocado os brocados de ouro, o esplendor do luxo, os regalos da opulencia, pela modesta avental, pelas obscuras fadigas das servas dos pobres, das filhas humildes de S. Vicente. E porque não acontecerá outro tanto entre nos?

CORREIO EXTRANGEIRO.

95 A "sociedade asiatica de Londres" foi apresentada a raiz d'uma planta da India que possui a propriedade da phosphorescencia. Esta raiz, apesar de morta e inteiramente secca, tendo sido cortada em bocadinhos e posta em cima de um panno molhado luziu ás escuras como um bocado de phosphoro.

A planta phosphorescente ainda que é olhada como recentemente descoberta, contudo ja era conhecida dos brahmines, e acha-se nos Jongles ao pé das alturas do districto de Madura.

Publicam-se em Londres dois jornaes de caricaturas, o *Punch* e o *Great Gund* — o '*Polichenella*' e a '*Peça grande*'. A origem do *Punch* ja é antiga, mas a da '*Peça grande*' tem poucos mezes de existencia. Os dois jornaes sahem uma vez cada semana com os seus chistes, e maliciosos ditos. O que distingue as caricaturas inglezas é a picante originalidade das attitudes particulares, mas o complexo não vale nada.

As figuras são de desenho correcto e o ridiculo é bem apanhado; quando se trata porém de grupar as figuras, de representar uma acção multipla, as caricaturas inglezas não passam nunca do grotesco. Um dos ultimos n.^{os} do *Punch* põe o seguinte dito na bocca da rainha Victoria, na occasião da sua visita ás novas fontes de repucho de *Trafalgar-square*: parece que estas fontes são de muito mau gosto, e teem merecido as criticas pelo lado da arte. No dia da real visita tinha-se augmentado a força de propulsão e a agua repuchava a grande altura: perguntou-se com interesse á rainha o que pensava s. m. de tão bello resultado? Segundo o *Punch* a rainha respondeu: «Com effeito nunca julguei que uma sensaboria padesse subir tão alto.»

Infelizmente nem isto nós podemos dizer do nosso repucho do '*Passeio publico*'.

Parece-me curioso conhecer a natureza das relações periodicas que a Inglaterra tem por via do vapor com a mais importante de suas possessões. Duas grandes linhas de barcos de vapor communicam a India com a Inglaterra. Uma pertence á Companhia, e navega de Bombaim até Suez em vinte dias; compõem-se de 14 barcos. A outra pertence a uma Companhia de Londres; navega de Calcuttá até Suez, em 16 dias, e compõem-se de 2 barcos. Em Suez são as malas transmitidas aos vapores da Companhia-peninsular que as levam a Southampton em 18 ou 20 dias; de sorte que em 40 dias, o mais tardar ha na Inglaterra noticias da India. Vasco da Gama em 1498 gastou 6 mezes de Lisboa a Calcuttá pelo cabo da Boa-Esperança. Em 1600 gastavam-se 3 a 4 mezes por este mesmo caminho. Em 1785 começou a carreira pelo Egypto, e gastava-se 70 a 75 dias: agora gasta-se so 40 e ha todas as esperanças de os reduzir a 30.

Entre as reformas á europea que o divan tem adoptado, as de maior importancia, n'este momento, são a policia com todo o seu cortejo de agentes publicos e secretos, e a instituição da censura. Não se intende bem em que se poderá exercer a censura na Turquia. O numero dos jornaes em lingua ottomana reduz-se a dois: o jornal official e o *Dcheridei hawadis*. Contam-se mais cinco folhas periodicas impressas em Constantinopla, tres em francez, uma em grego, e a outra em armenio. O *Dcheridei hawadis* (registro de novidades) é redigido por um inglez. A *Gazeta* é redigida por Said-Bey, antigo secretario d'estado; publica-se uma vez cada tres semanas, e não traz senão parte official e alguma anecdota muito semsabor do serrallo.

Além dos muitos túneis que será obrigado a atravessar o carril de ferro do Havre, encontrará em Barentin, proximo a Rouen, um monte muito alto formado de penedos que se não podem furar nem destruir; n'este caso terá o comboi de subir uma ladeira muito ngreme, no que será ajudado por uma machina de vapor sedentaria, porque a locomotiva so não seria bastante. A descida será feita so pelo peso das carruagens, e assim mesmo a machina que ajudou a subir o comboi o segurará na descida para que não seja demasiadamente violento.

A secção de legislação do conselho d'Estado em França tem-se occupado n'estes últimos dias de um processo original. A cidade de Nantes erigiu um monumento ao general Cambrone, e foi auctorizada a fazer gravar n'este monumento aquellas memoraveis palavras, que uma tradição popular lhe attribue, pronunciadas á frente d'um quadrado da guarda-imperial em Waterloo. *La gard meurt et ne se rend pas.* O conde e o barão Michel, filhos do general d'este nome morto n'essa batalha, apresentam-se a reclamar do rei a revogação d'aquelle decreto, proxando que semelhantes palavras são propriedade de seu pai. Reconhecida a justiça da reclamação assim mesmo o governo não deferiu satisfactoriamente; em consequencia vai este objecto ser tractado perante os tribunaes.

A 12 d'outubro de 1840 foi achado morto em Berlim um negociante, com todos os indícios de haver sido assassinado. O falecido tinha segurado a vida a favor da sua familia em 40.000 francos, que foram promptamente entregues. Descobre-se agora porém uma carta do morto dando parte a um amigo que o mau estado dos seus negocios o obrigava a suicidar-se, mas que o não quizera fazer sem deixar a sua familia feliz. (Como se sabe o suicidio annulla o seguro tirando a responsabilidade ao segurador). Dava depois as instrucções a este amigo sobre o que devia fazer no seu cadaver para que parecesse haver sido assassinado.

CORREIO NACIONAL.

96 A companhia do theatro da Rua-dos-Condes foi no dia 31 do passado representar a bella peça 'Madaglena' no theatro de San'Carlos. Era dia de galla. Suas Magestades estavam na tribuna real. Foram muito applaudidos alguns dos melhores lances d'aquelle drama popular, particularmente o fim do 4.º acto quando a sr.ª Emilia no maior transporte de amor materno se abraça com o filhinho que perdêra: a illustre actriz é realmente arrebatadora n'este logar. Nos intervallos do drama executaram-se algumas das peças de musica annunciadas para o concerto d'este dia: a mais applaudida, e com justiça, foram as variações de flauta tocadas pelo sr. Kroner.

Na freguezia do Lumiar vivia ditoso um par conjugal. Passada ja a quadra das fortes paixões, nem marido nem mulher sentiam mutuos ciúmes, nem mesmo porventura se julgavam ja capazes de os poderem inspirar. Comtudo por um d'esses caprichos do coração que, pôde ser com mais razão, se imputam sempre á cabeça: a metade femêa abalou da casa conjugal na companhia de um trabalhador, talvez em busca da lua-de-mel que havia dois lustros lhe fugira, e lá se foi por esse mundo de Christo com a roupa e o dinheiro do marido e os seus *quarenta e cinco annos às costas!*

No fim do mez de julho ficaram existindo no Terreiro-publico 6.696 moios de trigo, 208 de cevada, 38 de milho, 23 de centeio. O trigo vendia-se de 340 a 560 réis; a cevada de 240 a 280 réis, o mi-

lho de 280 a 340 réis, e o centeio pelo preço da cevada.

No districto de Castello-Branco frequentam as escolas d'ensino primario e secundario, 2.755 alumnos. O avultado número de 1.213 é o augmento d'este anno, até hoje, sobre o precedente. Os fogos d'este districto são 18.421, o que dá quasi um alumno por cada cinco fogos, ou porventura um por cada 20 habilites; o que se não é completamente satisfatorio é ja bastante agradável.

A 'Alfandega das Sette-casas' rendeu 858:975\$313 réis no anno economico de 1844—45.

A importação portugueza na cidade da Bahia em 1844 montou a 572:702\$440 réis — moeda forte. A exportação d'este porto para Portugal e seus dominios, no mesmo anno, foi de 368:079\$513 réis — moeda forte.

A 'Sociedade propagadora dos Conhecimentos-uteis' em liquidação, entregou 2\$000 réis por acção, quota do 1.º rateio.

Le-se no n.º 179 dos *Pobres no Porto*:

89 Vai estabelecer-se em Tentugal uma fábrica a vapor para fiação de algodão, em ponto grande, e com o fundo de 400 contos. Os estatutos da Companhia que se denomina *Concordia*, foram aprovados n'esta cidade. Ninguem duvida da utilidade da fábrica, e tambem parece fóra de dúvida que ella deverá dar lucro, porque o consummo d'este genero é immenso, e vai em augmento. Julgo que quem promove isto n'essa cidade é o Eduardo Moser.

O 'tributo das cem donzellas' de que fallámos no nosso número passado, foi á scena, no dia 3 do corrente, no theatro da Rua-dos-Condes. A casa estava completamente cheia de espectadores; Suas Magestades-honoraram o theatro com a sua presença. A peça interessa pela acção e satisfaz pela magnificencia. Ao sr. Epiphanyio devem-se elogios não so pelo bem que desempenha a sua parte; mas tambem pela habilidade com que organison todo o complexo scenico, alias de mui difficil desinvolvimento. Faremos especial menção do sr. Tasso, particularmente no 1.º acto na scena com D. Ramiro. Na sr. Emilia desejaria-mos ver um character mais ingenuo e melancolico, como ella os sabe representar tão perfeitamente; e que moderasse um pouco mais a expulsão das interjeições *ah!* — *ah!* — *ai!* etc. Parecia-me tambem que no 2.º acto na scena com seu irmão, quando vê a espada d'elle pendente sobre a sua cabeça, aquella exclamação 'Santos e anjos do Ceu!' deveria ser um grito de medo e não voz supplicante de quem implora. Tambem acho que se confrange demasiado, designadamente na oração, final do 1.º acto. Estas simples observações faço-as porque os talentos da illustre actriz são capazes da perfeição; e porque sei que a sua docilidade em admitir as reflectões é tão exemplar como o seu

merito é superior. A musica do sr. Pinto é bella e assaz adequada. Os adereços do sr. Fornari são magnificos: e as vistas pintadas pelo sr. Xavier tem bastante merecimento. O estylo, a linguagem, o estudo dos costumes da epocha, e os melhoramentos, constituem esta peça uma quasi, e muito boa producção do sr. Mendes Leal. Daremos mais larga conta de todo o espectaculo no seguinte numero.

Por todo este mez d'agosto deve sair o primeiro numero da AURORA, revista mensal, redigida pelo sr. José da Silva Mendes Leal. Pêsa-me de que o pouco espaço não permita a publicação do seu programa.

Caso de hydrophobia — N'Acinceira, lugar pertencente ao concelho de Thomar, acaba de succeder um caso notavel pela coragem de um infeliz. José Ferreira, de idade de cincoenta annos, trabalhador de inchada, homem magro e de poucas forças; foi atacado por uma cão hydrophobiado, haverá seis mezes pouco mais ou menos: era um cão da Serra da Estrella que vinha com gado, e armado. O infeliz defendeu-se quanto pôde; vendo porém as suas esperanças baldadas, conseguiu introduzir a mão direita pela bocca do cão, e assim o segurou pela lingua, e com a outra o degolou com uma navalha; mas ficou como ante braço e pernas todas mordidas. Tracou logo de ir a Santa-Quiteria, lugar proximo de Santarem, e ali foi benzido, e veio para casa muito descansado sem procurar mais remedio algum. Sica-trizaram-se-lhe todas as feridas com muita promptidão; mas passados seis mezes, abrem-se-lhe novamente as feridas, sente uma grande dor por todo o braço, que se espalhava por todo o corpo, e vindo-lhe por accessos, afflicção no coração, perda d'appetite, sede inextinguivel, horror aos liquidos, accessos de fúor. Faz-se sangrar, porém os accessos do furor, e afflicção tornam-se cada vez maiores, e mais amuados: nos intervallos lastima a sua sorte, pede aos que o cercam que o matem, afugenta toda a familia de casa; feixam-no só n'um quarto; n'um intervallo pega n'um crucifixo, aperta-o nos braços, pede perdão a Deus de se ir suicidar, e pega n'um machado e dá quinze golpes na cabeça; mas como não ficasse morto, desata a ligadura da sangria do dia antecedente, desafia a sabida do sangue, deita-se debruços e assim termina a sua horrorosa afflicção aos 17 de julho de 1845, deixando mulher e tres filhos ainda de menor-idade. Isto foi presenciado por todo o povo d'Acinceira, e me foi contado por um patricio que assistiu a este acontecimento: é este mais um caso que devem tomar por exemplo as pessoas que se acham mordidas por cães derramados, para que se não fiem só nas benções dos charlatães de que o mundo está cheio, espalhando o seu ridiculo fanatismo; mas para que recorram logo quando mordidos aos facultativos que acharem mais promptos e com a brevidade possivel, para estes, com os meios da sua arte, os preservarem do desinvolvimento do veneno: pois talvez que milhões de individuos que tem morrido com esta molestia, se tivessem procurado os meios necessarios e proprios, não haveriam sido victimas de tão horrorosa morte.

M. L. O. M.

A Caixa-economica da Companhia Confiança recebeu

6:068,8060 réis, e teve 27 depositantes novos, nase-mana de 27 julho a 2 do corrente.

Na *Illustração* franceza de 26 do passado veem-se tres estampas cujo assumpto é o baptizado da Serenissima Sr.^a Infante D. Antonia, celebrado em 8 d'abril do corrente anno na parochial de Santa-Maria de Belem. A primeira d'estas estampas representa a chegada do prestito á igreja, particularmente o coche de Suas Magestades: a segunda, a vista interior do templo no dia da cerimonia: a terceira, a cerimonia do baptismo. Todas as estampas, especialmente a ultima pelo trabalho dos detalhes, estão exactas e excellen-temente executadas.

No dia 2 do corrente visitou Sua Magestade El-Rei o theatro de D. Maria II cuja construcção se concluirá em breve. Os trabalhos de pintura estão muito adiantados e são magnificos; gabam-se tambem muito os estuques cuja solidez e belleza são comefeito admiraveis. Do theatro passou Sua Magestade á Academia das Bellas-Artes para ver os quatro meios-relevos que hão de ornar a fachada do mesmo theatro para a praça de D. Pedro: são quatro primores d'obra d'escultura. No seguinte numero tractaremos mais circumstanciadamense d'este objeto.

Na calçada do Duque n.^o 3, ao Rocio, está fundado um novo estabelecimento para collocação de criados e criadas de servir, com o nome de PANDULOPARU. A imitação do que se pratica em Londres, este estabelecimento dará todos os annos seis premios aos criados de ambos os sexos que o merecerem, segundo as condições publicadas pelo estabelecimento, uma das quaes é a residencia na mesma casa por espaço de tres annos.

Este estabelecimento estará aberto todos os dias desde as 9 horas da manha até ás 5 da tarde.

A livraria do Sr. Silva (Praça de D. Pedro n.^o 82) acaba de receber um famoso sortimento de obras — grande parte d'ellas soberbamente illustradas, e as mais recentes das que hoje se publicam em Paris. Esta boa circumstancia porém, de estar ao par com as livrarias de França, ja o Sr. Silva tem realizado outras vezes, agora o que ha de novidade no seu Armazem e singular em todos os estabelecimentos d'este genero em Lisboa, é a grande quantidade de livros de diferentes linguas, allemães, inglezes, italianos, hispanhoes etc., que inriquecem hoje a sua livraria e que a tornam por assim dizer polyglota. Infelizmente procurava-se n'estes estabelecimentos um livro que não fosse francez e não apparecia: a litteratura da Hispanha, apesar de nossa vizinha, a de Inglaterra, apesar de ser o paiz com quem temos mais relações; eram apenas conhecidas de poucos litteratos que com avultadas despesas e incommodos conseguiam fazer que lhes chegasse á mão alguma obra d'estas linguas. Se o Sr. Silva continuar com o mesmo zelo pôde tornar o seu estabelecimento o primeiro de Portugal, no seu genero.

Por todo este mez deverão ser demolidos os barracões construidos na Praça de D. Pedro para serviço das obras do Theatro de D. Maria II.